



**Giovana Aparecida Zimmermann
Robert Pechman**

Por um urbanismo lúdico e afetivo

Em dezembro de 2015 o Instituto de Planejamento Urbano e Regional da UFRJ realizou a XXI Semana PUR, que se propôs a discutir os 450 anos de desigualdade do Rio de Janeiro. Como contraponto, resolvemos convidar os participantes para uma oficina coletiva que suscitasse o afeto na cidade. A Oficina Cidade dos Afetos não buscou inspiração somente na arquitetura e no urbanismo, mas também na literatura e nas artes visuais, como exemplo a cidadezinha de açúcar de Meschac Gaba¹ apresentada na 27ª Bienal de São Paulo, que teve o tema “Como viver juntos”.

¹ Meschac Gaba (Benin, 1961), artista radicado na Holanda apresentou na 27ª Bienal Internacional de Artes de São Paulo, em 2006, uma cidade imaginária de açúcar: “Construct sweetness, living in sweetness, as sweet as sugar” foi o nome da maquete que representava Recife em 45 m², com predi-zinhos de até 50 cm de altura (eles são de polietileno, que também é branco, e revestidos com açúcar). Conferir reportagem de Carolina Requena (2006).

A lógica de um planejamento urbano racional não importava para a oficina; queríamos entrar em um espaço lírico, sensorial, despertar o arquétipo adormecido no inconsciente, como nos sugere Bachelard. Não cabia, pois, o discurso, mas a experiência de materializar numa maquete um espaço no qual o sonho do convívio seria possível, a partir da hospitalidade como conceito espacial.

Precisamos mostrar à luz recíproca que vai dos conhecimentos objetivos e sociais aos conhecimentos subjetivos e pessoais e vice-versa. É preciso mostrar na experiência científica os traços da experiência infantil. É assim que nos seria legítimo falar de um inconsciente do espírito científico (Bachelard, 1949, p. 23).

Para Bachelard a imagem, em sua simplicidade, não precisa de um saber. Ela é a dádiva de uma consciência ingênua. Portanto, nosso ponto de partida foi o inconsciente.

Com os olhos vendados e embala-

Giovana Aparecida Zimmermann

é artista visual, especialista em Linguagem Plástica Contemporânea pela Universidade do Estado de Santa Catarina, mestre em Arquitetura e Urbanismo e História da Cidade pela Universidade Federal do Estado de Santa Catarina, doutora em Literatura pela Universidade Federal do Estado de Santa Catarina e atualmente realiza estágio de pós-doutorado em Planejamento Urbano e Regional na Universidade Federal do Rio de Janeiro.

giovana_zimmermann@hotmail.com

Robert Pechman

é historiador, mestre em Planejamento Urbano e Regional pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), doutor em História pela Universidade Estadual de Campinas (1999), com pós-doutorado na École des Hautes Etudes en Sciences Sociales de Paris. É professor do Programa de Pós-Graduação em Planejamento Urbano e Regional da Universidade Federal do Rio de Janeiro.

betuspechman@hotmail.com

dos por uma música orquestrada, os participantes da oficina² tracejaram linhas que aos poucos foram sendo entrelaçadas com outras linhas em cores diversas. Um emaranhado semelhante à pintura expressionista abstrata de Jackson Pollock, se pensarmos na sugestão de Giulio Carlo Argan (2005) em *O espaço visual da cidade*³. O mapa expressionista abstrato, formado de inúmeras linhas coloridas, funcionou como ponto de partida para a definição do modelo urbano.

O emaranhado inicial, memória dos entrelaçamentos, ficou, portanto, por baixo, mas não foi esquecido, pois funcionou como a fronteira entre o suporte e o que se elevou em massas coloridas. Dos desenhos e planos eleitos, foram surgindo rios, ruas, praças, largos... Eles recebendo nomes alusivos: Ponte das Trocas, Rua dos Olhares, Fonte dos Desejos, Muro dos Lamentos, Praça da Saudade, Travessa dos Prazeres, Caminho dos Símbolos, Rua da Memória... Surge um vulcão que expelle lavas coloridas, que ao se resfriarem se cristalizam em um vale de flores. Na “Cidade dos Afetos” os mobiliários são lúdicos: teleféricos anfíbios, escorregador em formato de língua...

As cidades invisíveis de Ítalo Calvino (2002) foram uma forte referência para esse formato urbanístico lúdico e afetuoso, que se propôs na criação de uma cidade de trocas, de memória, de desejos e de símbolos...

Em “As cidades e o céu”, alguém espia através dos cercados, vê guindastes, armações, traves que escoram outras traves, então pergunta: Qual é o sentido de tanta construção? Onde está o plano que vocês seguem, o projeto? Sem responder as indagações, os trabalhadores cessam ao pôr do sol, e quando a noite

cai sobre os canteiros de obras, revela-se o projeto: é uma noite estrelada. Em “As cidades e o desejo”, Calvino nos fala da cidade de Anastácia, onde nenhum desejo deve ser desperdiçado e uma vez que aqui se goza tudo o que não se goza em outros lugares, não resta nada além de residir nesse desejo e se satisfazer.

Essa “cidade suspensa”, pois que não se enraíza, já que não tem passado e tampouco futuro, flutua sobre a mineralidade do espaço e dura o tempo, apenas, da realização dos afetos. Aliás, a cidade é mesmo apenas um pretexto para a experiência dos sentidos e da imaginação. Por isso mesmo ela dura um átimo, o tempo necessário para experimentar do néctar dessa cidade, pois que após isso este néctar se torna tóxico. É preciso entender que a efemeridade dessa cidade faz dela uma cidade inefável, indizível, da qual nada se pode contar além daquilo que se experimenta. Nem a própria experiência pode ser contada, apenas vivida. É assim que na Ponte das Trocas, pode se barganhar sonhos; na Rua dos Olhares, roubar uma piscadela; na Fonte dos Desejos, se embriagar de tudo que sempre fora proibido; no Muro dos Lamentos podemos deixar nossas mágoas e ressentimentos e dali saímos sem deuses; na Praça da Saudade podemos nos regozijar por podermos morrer e viver de lembranças e na Travessa dos Prazeres, ah, essa travessa!..., ela tem tudo que uma cidade precisa para deixar de ser Coisa. Nessa bendita travessa a maldição de todas as cidades se liquefaz e, suavemente, cada qual escolhe o prazer que mais lhe apraz para poder viver e a ele recorrer, sempre que preciso, sempre que o Tédio, a Violência e o Inóspito ameçarem com sua presença as cidades, feitas de pedras e desesperanças.

Mas que minuto mais duradouro, que no seu longo transcorrer nos leva, se assim o desejarmos, à Fonte dos Desejos onde todo e qualquer desejo jamais pensado se realiza?

REFERÊNCIAS

- ARGAN, Giulio Carlo. *História da arte como história da cidade*. São Paulo: Martins Fontes, 2005.
- BACHELARD, G. *La Psychanalyse du feu*. Paris: Gallimard, 1949.
- CALVINO, Ítalo. *As cidades invisíveis*. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.
- REQUENA, Carolina. “Meschac Gaba faz cidade de açúcar para a Bienal”. Portal G1. 21 set. 2006. Disponível em: <http://g1.globo.com/Noticias/PopArte/0,,AA1262985-7084,00.html>. Acesso em: 26 de janeiro de 2016. ■

2 Participantes da oficina: Giovana Zimmermann (coordenação), Ana Carolina Gomes, Barbara Gigante, Claudinei Silvestre, Dayanne Nascimento de Oliveira Gomes, Elisabeth Machado, Flavia Pinto Fernandes de Castro, Guilherme Alef, Isabella Franca, Isabella Jannotti, Julio Cesar Borges, Jennifer Tavares, Laura Rêdes, Marcela Medeiros, Maria Ayara Mendo Pérez, Raisa Almeida Cassiano, Robert Pechman, Tatiane Torres, Thayna Vieira. As fotografias que ilustram este texto foram realizadas por Elisabeth Machado e Giovana Zimmermann. Agradecemos à Viviane Penso pelo apoio.

3 “Se por hipótese absurda, pudéssemos levantar e traduzir graficamente o sentido da cidade resultante da experiência inconsciente de cada habitante e depois sobrepuzásemos por transparência todos esses gráficos, obteríamos uma imagem muito semelhante a de Jackson Pollock, por volta de 1950: uma espécie de mapa imenso, formado de linhas e pontos coloridos, um emaranhado inextricável de sinais, de traçados aparentemente arbitrários, de filamentos tortuosos, embaraçados, que mil vezes se cruzam, se interrompem e recomeçam e depois de estranhas voltas, retornam ao ponto de onde partiram” (Argan, 2005. p. 231).





